

'Pioridades'

FERNANDO PEDREIRA

C.A. — Quem terá sido, a rigor, o pior presidente da história do Brasil? A República Velha, a primeira, produziu certamente dois ou três sólidos candidatos ao posto. Mas a República Velha já se perdeu na fumaça do tempo.

P.S. — A República Velha, de fato, não era apenas outra República; era outro Brasil. Um Brasil ainda malsaindo da escravidão e do Império. O País moderno, o nosso, começou a nascer depois da Primeira Grande Guerra, com as greves de São Paulo, os tenentes revolucionários, a Semana de Arte Moderna, e só iria, digamos, instaurar-se com a Revolução de 30, isto é, com o desmoronamento das estruturas tradicionais provocado pela crise de 1929 e a Grande Depressão.

C.A. — Um mau começo mas, em todo o caso, um começo. Começamos com Getúlio Vargas e os chimangos gaúchos, jornais empastelados e cavalos amarrados no Obelisco. E logo tínhamos a consolidação desses "avanços" institucionais com o Estado Novo getuliano, imitação luso-tropical do Portugal salazarista. Naquele tempo, governavam o Brasil os avós do Wellington Moreira Franco e do Fernando Collor. A presença e a influência dos portugueses eram, naquela época, no Brasil e especialmente no Rio de Janeiro, a antiga capital, enormes. O doutor Oliveira Salazar era considerado um grande estadista europeu, só comparável a seu colega italiano Benito Mussolini. Ainda 20 anos depois, o próprio Juscelino Kubitschek lá iria render-lhe homenagens e calcar-lhe as pantufas...

P.S. — De um modo ou de outro, o fato é que, de 1930 para cá, vigorosamente empurrado pelas consequências da Segunda Guerra, o Brasil deu um enorme salto, senão para a frente, ao menos para cima. Estávamos estabelecidos no térreo (ou no porão) do velho casarão colonial e, no espaço de uma ou duas gerações, pulamos para o trigésimo andar. Em termos produtivos, comerciais, tecnológicos, o País multiplicou-se por dez ou por cem.

C.A. — Mas o progresso também tem os seus riscos. Estamos hoje desconfortavelmente encarapitados sobre altíssimas colunas de dívida e déficits, a 80 ou 90 metros do chão, com os elevadores enguiçados. Esses prédios modernos não funcionam sem elevadores. E o pior é que os

mecânicos a que temos recorrido mais recentemente, como o Bresser e Funaro, só conseguem emaranhar ainda mais os cabos. Quanto ao pára-quadras militar, tantas vezes tão útil numa emergência, já não abre, ou abre tarde demais. Ainda agora, o próprio general-chefe do Estado-Maior...

P.S. — Eis aí o que nos leva de volta à questão que produzi no início. O trabalho dos técnicos é sem dúvida indispensável, mas na verdade muito pouco se pode fazer se o síndico do edifício é inepto ou incapaz. Num regime como o nosso, o fator decisivo é a personalidade, a pessoa do presidente da República. E, nesse capítulo, não temos sido muito felizes, ao menos no último quarto de século: Jânio, Jango, Costa e Silva, Figueiredo e, agora, Sarney...

C.A. — Uma verdadeira escada. E, tudo isso, em apenas 25 anos. A República Velha nunca chegou a produzir nada parecido. Diante de presidentes dessa ordem, não admira que o parlamentarismo esteja ganhando tanta força.

P.S. — Na verdade, o que hoje aumenta a tentação parlamentar não é só a lição do passado e do presente; é também o risco do futuro. Adotado o regime de gabinete, estaríamos automaticamente libertados do perigo de ter na Presidência da República, amanhã ou depois, homens como Orestes Quércia, Newton Cardoso, Brizola, Arraes ou Aureliano, hoje os candidatos "naturais", inevitáveis, ao posto. Nenhum desses cavalheiros tem corte de líder parlamentar ou primeiro-ministro. E o fato é que, em qualquer caso, um primeiro-ministro não tem os poderes e privilégios imperiais de um presidente e pode, quando necessário, ser mais facilmente removido.

Em compensação, ao menos em termos imediatos, a adoção do parlamentarismo tenderia a estender ao governo inteiro e ao País todo a confusão ideológica e a fúria demagógica que hoje varrem o nosso Congresso constituinte.

C.A. — A relação de candidatos que você alinhou é assustadora. E a verdade é que não se vê como a convocação de eleições presidenciais diretas, agora em 8, ou em 89 ou 90, possa provocar o aparecimento de outros nomes melhores, em condições de vencer. O próprio Ulysses Guimarães, que seria hoje um primeiro-ministro "natural", não pare-

ce um concorrente forte nas diretas, e talvez nem queria concorrer.

P.S. — O doutor Ulysses daria provavelmente um bom primeiro-ministro, mas ele é, antes de tudo, um velha raposa pessedista, astuta e cautelosa. Nem sempre é fácil discernir suas intenções verdadeiras. Embora sua própria idade e o tempo joguem contra ele, Ulysses após os cinco anos de Sarney (contra os compromissos da falecida Aliança), o que parece indicar que a idéia de disputar uma eleição direta não o entusiasma muito. Por outro lado, ele se declara presidencialista e não estimula as incitamentos parlamentaristas do Congresso, o que dá a entender que também a perspectiva de tornar-se primeiro-ministro de Sarney não o atrai tanto assim.

O fato é que o cargo de primeiro-ministro o poria numa situação bem mais incômoda e delicada do que a que ele desfruta agora. Ulysses, hoje, faz os principais ministros e manda no governo mais do que Sarney. E, entretanto, ele próprio, Ulysses, continua fora do governo, presidindo o PMDB e a Constituinte, descomprometido dos malogros do presidente e de sua política inepta.

C.A. — À medida que Sarney desmorona, Ulysses se fortalece. Menos por matreirice, talvez, do que por instinto (e até por temperamento), o que ele está fazendo é esperar pacientemente que Sarney apodreça de vez e o poder acabe lhe caindo inteiro nas mãos. Como bom pessedista, Ulysses não quer derrubar o governo; quer herdá-lo. E não tem pressa porque, dentro do próprio PMDB, as coisas estão ainda longe de estar maduras. Enquanto isso, o País...

P.S. — Enquanto isso, o País afunda-se cada vez mais. A meu ver, o pior presidente (o pior comandante) é aquele que é incapaz de liderar e disciplinar as suas próprias tropas. Aquele que, por fraqueza ou inépcia, permite que seus lugartenentes briguem entre si e instalem a confusão no quartel-general. Aquele que deixa seus soldados estuprarem e saquearem os habitantes da cidade ocupada, os cidadãos. Aquele que permite que a corrupção se instale nas fileiras e no porão do palácio e que, no fim, acaba levado de roldão (e deposto ou posto de lado) por seus próprios homens amotinado e desorientados. Como Jango, em 1961-64; como Costa e Silva, em 1967-68; como José Sarney, agora.

E o País paga o pato.